

Para mim, viver é Cristo (5): A gratidão leva-nos a lutar

Quais são os verdadeiros motivos que dinamizam um cristão? Que procuramos quando dizemos que queremos ser melhores? A luta deve centrar-se em Deus, não em nós, sugere este texto.

22/03/2019

Descarregar livro completo «Para mim, viver é Cristo»

«Será como um homem que, ao partir para fora, chamou os servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu» (Mt 25, 14-15). A história de Jesus sobre os talentos é-nos muito familiar e, como toda a Escritura, nunca deixa de nos convidar a uma maior compreensão da nossa vida de relação com Deus. No fundo, a parábola fala de um homem que *confia* generosamente uma grande parte da sua riqueza a três servos. Ao fazê-lo, não os trata como a simples servos, antes os faz participar nos seus negócios. Visto desta maneira, parece que *confiar* é precisamente o verbo adequado: não lhes dá instruções detalhadas,

dizendo-lhes exatamente o que fazer. Deixa-o nas suas mãos. A julgar pela sua reacção - o empenho com que se esforçam por multiplicar a riqueza do seu senhor - dois deles compreenderam imediatamente. Receberam o gesto do seu senhor como sinal de confiança. Podíamos até dizer que o viram como um gesto de amor, e por isso procuraram amorosamente agradar-lhe, embora não lhes tivessem sido postas exigências nem condições. «Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco» (Mt 25, 16). Do mesmo modo, o que tinha dois talentos ganhou mais dois.

O outro servo, pelo contrário, percebe algo muito diferente. Sente que está a ser posto à prova e, portanto, não pode fracassar. Para ele, é de suma importância não tomar uma decisão errada. «Aquele que apenas recebeu um foi fazer um buraco na terra e escondeu o

dinheiro do seu senhor» (Mt 25, 18). Teme desgostar o seu amo, bem como as consequências que imagina que podiam resultar desse desagrado. Por isso, diz-lhe: «Senhor, disse ele, sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste. Por isso, com medo, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence» (Mt 25, 24-25). Como pensa que o seu amo é duro e injusto, não pensa que se lhe *confie* nada. Vê-o como um teste difícil, e não como uma oportunidade. E, não querendo falhar nesse teste, resolve agir do modo mais seguro com os bens e interesses de outra pessoa. O resultado é uma atitude fria e desprendida: «Aqui está o que te pertence» (Mt 25, 25).

Estas duas reacções, tão diferentes, podem ajudar-nos a refletir sobre como estamos a responder ao que Deus nosso Pai nos tem *confiado*: a

nossa vida, a nossa vocação cristã. Ambas têm um valor imenso aos seus olhos. E Ele colocou-as nas nossas mãos. Como é a nossa resposta?

Lutar por gratidão, não por medo

Para os dois primeiros servos da parábola, a confiança do seu senhor era um verdadeiro presente. Sabiam que não o mereciam, não tinham direito a esperar dele semelhante encargo. De um modo novo, perceberam que a relação com o seu amo não se baseava no êxito ou no fracasso do que faziam, mas no modo como ele os via. Para além do que eram *de facto* no momento presente, era capaz de intuir o que *podiam chegar a ser*. Visto desta maneira, é fácil imaginar o profundo sentido de gratidão que brotaria dos seus corações. Receber um olhar de esperança é um autêntico dom, e a resposta mais natural a um presente é querer dar algo em troca.

Se não temos isto presente, podemos não perceber a importância da luta na nossa vida cristã. Se nos esforçamos por conseguir êxito para assim *merecer* ser amados, é muito difícil que a luta nos leve a experimentar uma paz genuína. Esforçar-se por ser amado, ainda que seja inconscientemente, significa sempre que os fracassos e os reveses irão conduzir a um profundo desalento ou, pior ainda, a que a amargura invada a alma. Pelo contrário, fundamentar a nossa luta na gratidão ajuda-nos a evitar este perigo.

A parábola sugere ainda que os dois primeiros servos receberam aquele dom com um sentido de missão, uma missão única e pessoal. O amo, disse, deu a cada um «conforme a sua capacidade» (Mt 25, 15). É pouco provável que os servos tivessem alguma experiência anterior de investimento e controlo de grandes

quantias. Contudo, ao confiar neles, ao olhá-los segundo o que podiam chegar a ser, o seu senhor chamava-os de facto a ser mais, a esforçar-se por alcançar o que ainda não eram. Por outras palavras, com aqueles bens, conferia-lhes uma missão completamente particular. E, uma vez que viram o dom nestes termos, foram inspirados e animados para estar à altura deste chamamento. Fizeram seus os assuntos do seu senhor e esforçaram-se por empreender algo de que não tinham experiência. Começaram a aprender, a crescer e a desafiar-se a si próprios, por gratidão, desprezando qualquer medo.

Como na parábola, Deus Pai também nos chama a cada um de nós de acordo com o que Ele vê que *podemos chegar a ser*. Isto é o mais importante, e o que queremos descobrir de novo na nossa oração: como Deus nos vê, e não, como nós

próprios o fazemos. Queremos assegurar-nos de que a nossa luta se centre n'Ele, não em nós.

Precisamente porque posso estar seguro da atitude de Deus quanto a mim, posso esquecer-me de mim próprio e lançar-me a desenvolver e fazer crescer os bens que me foram confiados para sua glória e para o bem dos outros. Esta luta vai-nos levar a crescer nas virtudes da fé, da esperança e da caridade, e em todas aquelas virtudes humanas que nos permitem trabalhar com excelência e ser verdadeiros amigos dos nossos amigos.

Uma luta inspirada no exemplo de Jesus

Cada um de nós anseia pela paz e consolo, um descanso de todos os nossos esforços. Jesus entende-o perfeitamente, e por isso nos convida: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu

hei de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11, 28-30).

Experimentaremos plenamente este descanso no final dos tempos, quando ressuscitarmos e toda a criação se saciar de Deus como as águas enchem os mares (cf. Is 11, 9). No momento presente, pelo contrário, a paz e o descanso que Jesus nos oferece estão intimamente ligados à necessidade de tomar o seu jugo e de *lutar* por O seguir.

«Se alguém quiser vir apόs mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (Mc 8, 34). As palavras de Jesus não são um requisito severo, arbitrariamente imposto. Pelo contrário, são fonte de um imenso consolo. Cristo vai à nossa frente e experimenta na sua própria carne os desafios, temores e dores que

surgem, num mundo marcado pelo pecado, ao responder livremente ao chamamento do Pai. Jesus não nos pede *lá de longe* que lutemos, mas esteve ali antes de nós; precede-nos sempre. «De facto, não temos um Sumo Sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, pois Ele foi provado em tudo como nós, excepto no pecado.

Aproximemo-nos, então, com grande confiança, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna» (Heb 4, 15-16). O Senhor propõe-nos algo que Ele próprio já viveu.

Ao falar do modo como Simão de Cirene levou a cruz *com* Jesus, S. Josemaria anima-nos a cada um a descobrir como ser *cireneus* na nossa vida: «Ser voluntariamente Cireneu de Cristo, acompanhar tão de perto a sua Humanidade sofredora, reduzida a um farrapo, para uma alma

enamorada não significa infelicidade, antes traz a certeza da proximidade de Deus, que nos abençoa com essa escolha»^[1]. A descoberta consiste em que a minha luta – uma luta que podia sentir-se como injusta, tal como Simão – passe a ser levada em frente *com* Jesus. Trata-se de uma união com Ele no momento presente, no esforço, e não só quando obteve êxito. Aceitá-la voluntariamente, como consequência inerente ao dom da minha vocação cristã, supõe abrir a porta à descoberta de que o próprio Jesus se está a esforçar *em mim e comigo*. Portanto, «já não se leva uma cruz qualquer, descobre-se a Cruz de Cristo, com o consolo de que o Redentor se encarrega de suportar o peso»^[2].

O Senhor convida-nos simultaneamente a ver os resultados de uma vida que abraça a Cruz: a vitória sobre o pecado e a morte, e a

sua glorificação pelo Pai. Por causa da Ressurreição, em Jesus temos uma prova absolutamente inquebrantável do valor que tem esforçar-se por ser fiel ao que o nosso Pai Deus nos confiou. Como nos diz S. Paulo: «Com efeito, a nossa momentânea e leve tribulação proporciona-nos um peso eterno de glória» (2Cor 4, 17). Junto de Jesus podemos olhar para a Cruz e ver, não uma dor inútil e sem sentido, mas vitória e redenção. Deste modo, seremos capazes de enfrentar os desafios e as dificuldades que necessariamente surgem quando tratamos de seguir fielmente Cristo no seu exemplo por multiplicar e fazer frutificar o que o Pai lhe tinha confiado.

A graça transfigura a luta, sem a eliminar

O servo que enterrou o talento talvez se tenha sentido oprimido, até entristecido pelo esforço que

implicava o que via os seus companheiros a fazer. Comparando-se com eles, e talvez sentindo-se inadequado para tal tarefa, procurou um caminho mais fácil e seguro. Assim, cavou um buraco e enterrou o que lhe tinha sido confiado, juntamente com todas as possibilidades que vinham com ele. Este enredo básico repete-se cada vez que evitamos o esforço e a incomodidade que exigem conseguir qualquer coisa que valha a pena na vida. Não devemos esquecer que a luta e o esforço na busca amorosa do bem não são injustos nem arbitrários. Fazem parte da própria natureza da vida, a vida que o Senhor santificou. No nosso caminho na terra, a união com Jesus acontecerá precisamente através de uma luta livre e amorosa por crescer nas virtudes sobrenaturais e humanas. Porque a graça não substitui a dinâmica própria da vida humana, antes a une a Deus.

Se considerarmos isto, os nossos esforços e a nossa luta não serão expressão de auto-suficiência ou de *neopelagianismo*. Não devemos esquecer nunca que, como escrevia S. Paulo aos Filipenses, «é Deus quem, segundo o seu desígnio, opera em vós o querer e o agir» (Flp 2, 13). A luta não se opõe, portanto, à ação da graça em nós. No fundo, o crescimento nas virtudes teologais não é outra coisa senão *amor* - divino e humano -, e a santidade é, precisamente, «a plenitude da caridade»^[3].

S. Josemaria exprime esta mesma verdade teológica a partir da perspetiva da oração: «Depois, enquanto falavas com o Senhor na tua oração, comprehendeste com maior clareza que a tua luta é sinónimo de Amor, e pediste-Lhe um Amor maior, sem medo ao combate que te espera, porque lutarás por Ele, com Ele e n'Ele»^[4]. Quanto mais

tentarmos viver a nossa luta como *amor*, mais se fortalecerá o desejo de que esse amor, essa *luta*, aumente. Superaremos a tentação de enterrar o que recebemos devido ao desejo de evitar as incomodidades e, em vez disso, iremos investi-lo com todo o empenho que esse encargo necessariamente implica.

Livres para crescer, livres para aprender

Na sua carta pastoral de 9 de janeiro, o Padre ajuda-nos a considerar mais profundamente a relação íntima entre liberdade e luta nas nossas vidas: «Quanto mais livres formos, mais podemos amar. E o amor é exigente: “Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13, 7)»^[5]. Por sua vez, quanto mais amamos, mais livres nos sentimos, inclusivamente nos momentos difíceis ou desagradáveis. «Quanto mais intensa for a nossa caridade,

mais livres seremos. Também atuamos com liberdade de espírito quando não nos apetece fazer uma coisa, ou a achamos especialmente difícil, e a fazemos por amor, ou seja, não porque nos agrada, mas porque *nos dá na real gana*»^[6].

Não se trata de uma *técnica* para conseguir fazer o que não nos apetece, apagar uma realidade sombria com as palavras ‘amor’ e ‘liberdade’. Trata-se, antes, de uma verdade profunda das nossas almas que cada um de nós está convidado a descobrir. Quanto mais nos identificarmos com o dom que Deus nos concedeu, com os nossos talentos e a nossa missão, mais dispostos estaremos a lutar, quando for preciso, para cuidar e cultivar esse dom. Não nos movem o medo, nem o peso da obrigação, mas o agradecimento a Deus, e o desejo de corresponder ao seu Amor. «A fé no amor de Deus por cada uma e por

cada um (cf. 1Jo 4, 16) leva-nos a corresponder por amor. Podemos amar, porque Ele nos amou primeiro (cf. 1Jo 4,10). O facto de sabermos que o amor infinito de Deus se encontra não apenas na origem da nossa existência, mas também em cada momento, porque *Ele é mais íntimo a nós do que nós mesmos*^[11], dá-nos toda a segurança»^[7].

Nos últimos tempos tem-se trabalhado muito para voltar a entender a importância da luta dentro do desenvolvimento humano integral, especialmente na área do trabalho profissional e da educação. «Pensai um pouco nos vossos colegas que sobressaem pelo seu prestígio profissional, pela sua honradez e pelo seu serviço abnegado. Não dedicam muitas horas do dia – e até da noite – a essa tarefa? Não teremos algo a aprender deles?»^[8]. Certamente podemos aprender deles a lutar melhor, e assim a ser livres

para amar mais. Além disso, aqueles que lutam melhor costumam ter uma *luta aberta*. Não veem as suas habilidades – os seus *talentos* – como algo fixo ou determinado. Como os dois primeiros servos da parábola de Jesus, entendem que o que se lhes confia está destinado a crescer através do esforço e da luta. Se seguirmos este exemplo, percebemos que a luta em si mesma vale a pena: os reveses e as dificuldades já não aparecerão como fracassos, mas como oportunidades para aprender e melhorar; não experimentaremos o esforço como uma carência, mas como sinal de progresso; e, em vez de nos sentirmos feridos porque veem os nossos defeitos, desejaremos conhecer a nossa debilidade e receber conselho de outros.

Os dois primeiros servos da parábola, provavelmente, acreditaram que o que se lhes tinha confiado podia crescer. Foram

atraídos e inspirados pela confiança do seu amo. Nós podemos sentir-nos igualmente inspirados, igualmente livres, quando descobrimos uma vez mais como o amor do nosso Pai Deus se encontra na missão única que nos confiou a cada um de nós. Uma missão que implica sacrifício e luta para a levar a cabo.

O Senhor confiou-nos uma missão maravilhosa. Quis contar connosco para tornar o seu Amor infinito presente no meio do mundo em que vivemos. Por isso, «saber que Deus nos espera em cada pessoa (cf Mt 25, 40) e quer tornar-se presente nas suas vidas, também através de nós, leva-nos a procurar dar, a mãos cheias, aquilo que recebemos. E na nossa vida, minhas filhas e meus filhos, recebemos e estamos a receber muito Amor. Dá-lo a Deus e aos outros é o ato mais próprio da liberdade. O amor *realiza a* liberdade, redime-a: faz com que ela

se encontre com a sua origem e com o seu fim, no Amor de Deus»^[9]. Os dois servos que cultivaram os dons do seu amo descobriram, no fim, uma recompensa muito maior do que podiam ter imaginado: «Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor» (Mt 25, 23). Este é o gozo que procuramos, e é também o gozo que nos acompanha na nossa luta, cheia da esperança que fez S. Paulo exclamar: «Porque estou convencido de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de revelar-se em nós» (Rm 8, 18).

[1] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 132.

[2] *Idem*.

[3] S. Josemaria, *Sulco*, n. 739.

[4] *Idem*, n. 158.

[5] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 09/01/2018, n. 5.

[6] *Idem*.

[7] *Idem*, n. 4.

[8] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 60.

[9] Fernando Ocáriz, *Carta pastoral*, 09/01/2018, n. 4.

Justin Gillespie
